



ANAIS

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

XI Colóquio Nacional Cultura e Poder

**X Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2025

**GT 1 – (Interfaces entre Religiões e Política na
Contemporaneidade)**

ENTRE A FÉ E A IMPRENSA: ARTICULAÇÃO PARA A PERMANÊNCIA DE DOM ELISEU SIMÕES MENDES NA DIOCESE DE MOSSORÓ

Rafael Kovalik de Oliveira (UNESPAR-G)¹
Frank Antonio Mezzomo (UNESPAR-PQ)²

Resumo: Neste trabalho, procuramos compreender como o jornal *O Mossoroense* tornou pública e vocalizou a articulação de diferentes grupos e personalidades políticas do Rio Grande do Norte, em favor da permanência de Dom Eliseu Simões Mendes à frente da Diocese de Mossoró. Identificamos 58 materiais, entre manchetes, editoriais e colunas que foram publicadas no periódico entre novembro de 1959 e agosto de 1960, articulando com literatura que trata da dinâmica religiosa e do Nordeste Brasileiro. Entre o anúncio da transferência e a posse do bispo na Diocese de Campo Mourão, ocorrida em abril de 1960, o jornal publicizou argumentos e estratégias utilizadas para demover a decisão da Sé Apostólica. Os caminhos traçados por pessoas ligadas diferentes setores do Oeste potiguar para forçar a permanência do bispo deixaram pegadas que podem ser compreendidas à luz das relações de poder que permeiam a sociedade.

Palavras-Chaves: Religião; Política; Imprensa; Bispo.

Introdução

O objetivo com esse texto é compreender como o jornal *O Mossoroense* tornou pública e vocalizou a articulação de diferentes grupos e personalidades políticas do Rio Grande do Norte, em favor da permanência de Dom Eliseu Simões Mendes à frente da Diocese de Mossoró, uma das três dioceses do estado. Corria o segundo semestre de 1959 e o comunicado da nunciatura apostólica teria tomado de surpresa a sociedade potiguar que, descontente, promoveria ações a fim de demover a decisão da alta hierarquia católica. A transferência, que seria uma decisão *intra corporis*, de alinhamentos e negociações internas da instituição, transbordou para a sociedade, evidenciando que os rumos ensaiados pela Igreja, inclusive quando se trata de mudança de seu quadro técnico e intelectual, importavam e podiam alterar a lógica de poder de segmentos da sociedade.

Na trama que envolveu a transferência de Dom Eliseu, designado para a Diocese de Campo Mourão, no Paraná, identificamos múltiplas vozes oriundas do Rio Grande do Norte e que reverberaram na sede da nunciatura, na arquidiocese carioca e no Congresso Nacional, todos no Rio de Janeiro, então capital federal. O imbróglio público ganhou a imprensa potiguar e, *O Mossoroense* em particular, publicou 48 matérias jornalísticas entre novembro de 1959 a

¹ Graduando em História. Pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) com bolsa da Fundação Araucária. E-mail de contato: kovalik.rf@gmail.com

² Doutor em História Cultural (UFSC). Professor dos Programas de Pós-Graduação em História Pública, ProfHistória e Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). E-mail de contato: frankmezzomo@gmail.com

agosto de 1960. Em suas páginas tema ganhou relevância e intensidade, repercutindo clamores de grupos e segmentos da sociedade.

O jornal, aqui, é tomado como fonte principal da pesquisa, entendendo que em suas manchetes, editoriais, crônicas e colunas são vocalizados diferentes interesses sociais e representações da realidade histórica. A publicação na imprensa, desse modo, é interpretada como parcial, afinal ela pode ser entendida como ator social, que media discursos e interesses, não sendo neutra e nem desprovida de intencionalidades. Ao entender o contexto histórico em que as matérias foram publicadas, é possível identificar motivações, interesses e alianças presentes nas páginas do jornal. Desde sua elaboração, são feitas escolhas que omitem ou evidenciam informações, com o objetivo de expressar uma determinada perspectiva, opinião ou valor (Luca, 2016; Motta, 2021; Barros, 2023).

Dispondo de tal compreensão sobre o jornal, sua parcialidade na produção e veiculação da informação, problematizamos a articulação d'*O Mossoroense* no movimento pela permanência de Dom Eliseu em Mossoró, a partir de quatro momentos. Inicialmente, apresentamos elementos sobre sua formação, com destaque para a trajetória na Diocese de Mossoró. Em seguida, tratamos da mobilização inicial para sua permanência na diocese, destacando as primeiras iniciativas, como a confecção do memorial, envio de telegramas e artigos publicados por Oswaldo Amorim. A seguir, tratamos da fase marcada pela atuação política realizada na tribuna federal, com a participação de três deputados que levaram o debate ao Congresso Nacional, e do governador do Estado. Por fim, na última fase do movimento, com a transferência do bispo já ratificada pela Igreja, destacam-se os artigos do cônego Raimundo Gurgel, que procura argumentar sobre a naturalidade das mudanças institucionais e programação em torno das despedidas.

O bispo, a diocese e o Nordeste

Eliseu Simões Mendes nasceu no distrito de Retiro, município de Coração de Maria, na Bahia, no dia 18 de maio de 1915. Influenciado pela participação ativa dos pais na Igreja, teve a infância marcada pela leitura, escrita e vivência religiosa. Foi ordenado sacerdote em 1938, aos 23 anos, no Seminário de Santa Tereza, em Salvador, por Dom Augusto Álvaro da Silva, arcebispo primaz do Brasil. Assumiu funções administrativas junto ao arcebispo, acumulando também a função de Assistente da Ação Católica e das Obras Sociais, e atuando como orientador das iniciativas promovidas pela juventude da capital baiana (Mendes; Cavalcanti, 2005).

Em 1950, foi sagrado bispo auxiliar de Fortaleza, no Ceará, com o lema episcopal *Salus Gregis*, salvação do rebanho. Procurou intermediar serviços e obras voltadas às comunidades em situação de vulnerabilidade, com foco em ações assistencialistas e de promoção social. Em Fortaleza, atuou em diversas frentes, com o apoio de instâncias eclesiais e, com aprovação de Dom Antônio Lustosa, bispo titular da capital cearense, esteve envolvido em convênios firmados com os Ministérios da Agricultura, da Educação e da Saúde. Atuou na Ação Social Rural Arquidiocesana (ASRA), na articulação das missões rurais e na promoção da Semana do Bem-Estar Rural, co-organizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A partir destas atuações e organismos, conseguiu equipamentos para pequenos proprietários de terras, viabilizou a construção de açudes, casas de acolhimento, maternidades e escolas rurais.

A partir das missões rurais buscava-se, no âmbito social e cultural, promover o desenvolvimento por meio de ações educativas planejadas e organizadas, com o propósito de transformar a atuação e o modo de vida no campo, incentivando a ocupação de novas terras para a agricultura e a expansão do capital. Para essas iniciativas, contava-se com a atuação de assistentes sociais, agrônomos, técnicos agrícolas, médicos, professores e enfermeiros que prestavam atendimento às famílias residentes nas áreas rurais.

Dom Eliseu permaneceu em Fortaleza até início de 1954 e, em 20 de fevereiro de este ano, na Catedral de Santa Luzia, Mossoró, assume como terceiro bispo da diocese, permanecendo até fevereiro de 1960, quando é transferido para o Paraná, assumindo a recém-criada Diocese de Campo Mourão. A Diocese de Mossoró é sufragânea da Província Eclesiástica de Natal e faz parte do Regional Nordeste II da CNBB, está situada na região Oeste do Rio Grande do Norte. Foi criada em 28 de julho de 1934 pelo Papa Pio XI e instalada em 18 de novembro do mesmo ano. A estrutura da diocese na zona Oeste potiguar era composta por 20 paróquias (Jesus, 2007).

Estruturada para atender a região marcada por desafios sociais e econômicos, a diocese tornou-se, sob a liderança de Dom Eliseu, um espaço de promoção não apenas religiosa, mas também de transformação social. Sob sua coordenação, desenvolveu ações nos setores de saúde, educação, agricultura e infraestrutura. No campo sanitário, destacamos a construção de maternidades, hospitais e postos de puericultura, promovendo a modernização nos espaços e equipamentos. Essas ações respondiam a uma carência de assistência médica nas áreas rurais, onde a população sofria com a escassez de serviços básicos (O Mossoroense, 12/11/1959).

No âmbito educacional, destacam-se na construção, equipagem e reforma de instituições de ensino básico e técnico. No ensino técnico, implantou cursos voltados à formação do homem

do campo, como as semanas ruralistas e as missões rurais, difundindo práticas institucionalizadas do conhecimento científico relacionado à agricultura, à higiene e à saúde pública. Na área de infraestrutura, o bispo esteve envolvido no plano de eletrificação da região Oeste do Estado, no plano valorização dos vales do Assú e do Apodi e na construção do porto de Areia Branca, todos, em grande parte, decorrentes de indicações oriundas do I e II Encontro dos Bispos do Nordeste, realizados em Campina Grande e Natal, em 1956 e 1959, dando origem a decretos assinados pelo presidente da República. Dom Eliseu foi signatário nas duas edições da reunião dos bispos do Nordeste, articulado por Dom Hélder Câmara e em consonância à política desenvolvimentista de JK.

A aproximação entre Igreja e Estado se intensificou justamente no governo de JK (1956-1961), quando a intervenção social de Dom Eliseu no Nordeste ganhou novo impulso. Embora sua atuação tenha começado ainda durante a presidência de Getúlio Vargas, foi sob o desenvolvimentismo de JK que houve maior sinergia entre as ações pastorais e as políticas públicas. O governo de Juscelino, que se expressou pelo slogan de campanha “cinquenta anos em cinco” e sintetizava o “projeto nacional-desenvolvimentista”, preconizava o desenvolvimento em um curto período. Para concretizá-lo, o Plano de Metas foi concebido, composto por trinta objetivos voltados aos setores de energia, transporte, alimentação, indústria de base e educação (Moreira, 2003; Schwarcz; Starling, 2015).

No plano eclesiástico, as décadas de 1950 e 1960 foram marcadas por uma atuação social mais incisiva e constituindo uma face reformista da instituição, em que um dos postulados consistia no entendimento de que a Igreja é parte do mundo e nele deve ter uma participação. Nessa chave interpretativa, a separação teológica entre céu e terra desaparecera e o entendimento sobre a missão da Igreja ganhou novas nuances, agora engajada nas causas da reforma agrária, dos direitos humanos e das políticas de desenvolvimento social. Destaca-se a figura de Dom Hélder Câmara, assistente nacional da Ação Católica, como personagem central no processo de reorientação do catolicismo brasileiro que, com a participação de outros bispos, passaram a planejar uma atuação nacional a partir da CNBB, criada em outubro de 1952 (Mainwaring, 2004; Delgado; Passos, 2003).

É nesse cenário que o Nordeste se insere, vinculado ao projeto ruralista da política federal, que buscava modernizar e integrar o interior à lógica desenvolvimentista. A ação do governo JK, previsto no Plano de Metas, encontrou na infraestrutura e na organização da Igreja Católica um ambiente fértil e propício, transformando esses espaços em locais de promoção de debates sobre o desenvolvimento e as condições de vida da população rural. A proposta

articulava a economia rural ao processo de industrialização, por meio de investimentos em infraestrutura e crédito, visando modernizar o setor e integrá-lo ao projeto de desenvolvimento nacional. É nesse contexto que a sociedade mossoroense, vocalizada pelo jornal *O Mossoroense*, articula um movimento pela permanência do bispo na diocese, mobilizando diversos segmentos e atores sociais em torno de uma causa comum.

A mobilização em defesa da permanência do bispo: fase inicial

A fase inicial da mobilização pela permanência de Dom Eliseu na Diocese de Mossoró ocorreu no mês de novembro de 1959. Iniciou com a publicação da reportagem “Mossoró perderá seu grande bispo” e findou com a “Regressou a Mossoró Dom Eliseu aguardará ordem de transferência”, repercutindo o comunicado de sua transferência para a recém-criada Diocese de Campo Mourão, no Paraná. Entre 4 e 30 de novembro foram veiculadas 25 matérias jornalísticas que abordaram o tema. Nesse movimento estão envolvidos personalidades públicas e pessoas da sociedade potiguar. Trata-se de um momento marcado por uma mobilização intensa, com o número maior de publicações que se propõem a fazer um chamamento para sensibilizar a população e constituir uma ação pública a fim de demover a decisão da Igreja. A mobilização inicial pode ser compreendida a partir de três ações: a constituição de um memorial, o contato com cardeal Dom Jaime Câmara, no Rio de Janeiro, e a atuação do articulista Oswaldo Amorim. Vamos a elas.

A primeira publicação que aborda a transferência do líder eclesialístico expressa a insatisfação da população, acompanhada de um convite aos leitores para se organizarem em manifestações públicas no Rio Grande do Norte, sobretudo na região Oeste potiguar. Para alcançar aspiração de sustar a decisão da Igreja, é lançada a ideia da elaboração de um memorial a ser encaminhado ao Papa João XXIII, inspirado no exitoso precedente da permanência de Dom José Tupinambá da Frota na Diocese de Sobral, Ceará, que havia sido transferido para Uberaba, Minas Gerais (Filho, 2016).

O memorial se configura como um abaixo-assinado vinculado à esfera de atuação pública. Opera como uma forma de expressar opinião, um instrumento coletivo de pressão social e política, utilizado para mobilizar apoio em torno da causa e sensibilizar as autoridades competentes para a adoção de medidas concretas. No cenário potiguar, a tentativa de replicar essa organização e impedir a transferência de Dom Eliseu resultou na confecção de um memorial enviado ao núncio Dom Armando Lombardi, representante da Sé Apostólica no Brasil e com sede no Rio de Janeiro (CDC, 1983).

A ideia do memorial, a princípio, era sustentar a saída de Dom Eliseu, mas, ao longo do processo, passou a reivindicar a permanência do bispo por mais tempo na diocese, ainda que não de forma definitiva. Sua produção foi lançada pelo cronista Xavier Vieira, presidente do Lions Clube de Mossoró, com a intenção de ser o instrumento de integração social da diocese. A mobilização foi denominada como “pró-permanência de Dom Eliseu Simões Mendes à frente dos destinos desta diocese”, e teria angariado mais de 50 mil assinaturas (Vieira, 06/11/1959; Gueiros, 31/03/1960; O Mossoroense, 08/11/1959).

O jornal apresentou os locais onde as pessoas poderiam assinar o memorial, entre os quais constavam as rádios Tapuio e Difusora, a sede d’O *Mossoroense*, drogarias e farmácias Limeira, São Francisco e Santa Luzia e o Cartório Judiciário. As assinaturas poderiam ser colhidas, ainda, nas residências dos vereadores João Manoel Filho e José Bernardo de Souza, dos moradores Valentim Sabino e Teresinha Leonardo Nogueira, além do Mercado Público e mercearias de Raimundo Bezerra e Pedro Pereira da Costa. Os habitantes dos municípios de Assú, Apodi, Areia Branca, Grossos, Caraúbas, Pau dos Ferros, Patu, do sertão e do litoral, foram convidados endossar o memorial a ser enviado à nunciatura apostólica. No entendimento de Xavier Viera, as pessoas da diocese que conheciam Dom Eliseu mobilizaram-se em favor de sua permanência no Nordeste (Vieira, 05/11/1959; 06/11/1959).

O *Mossoroense* apresenta, na íntegra, o memorial que foi enviado ao núncio apostólico. Um recorte do documento expressa a motivação da sua elaboração:

o grande receio e constante receio é, pois, que todo este trabalho, tão bem orientado, venha a sofrer, com o afastamento do dínamo que o impulsiona sempre para frente, Dom Eliseu Simões Mendes, um profundo e substancial colapso. Se a igreja, através da ação de um de seus Pastores, realiza, em uma das mais pobres regiões do Brasil, como é o caso, um trabalho de recuperação do homem, em seu meio, encontrando, afinal a solução que o próprio Governo não conseguiu, durante anos seguidos, pareceria mais lógicos e consentâneo deixar que esta obra de tão elevado alcance espiritual, econômico e social prosseguisse dentre aquele esquema primitivo, para honra e glória da própria Igreja e satisfação de quantos direta ou indiretamente estão sendo beneficiados (Vieira, 06/11/1959, p. 3).

As publicações d’O *Mossoroense*, concitando a população a assinar o memorial, apresentam a transferência de Dom Eliseu como uma perda, dada sua dinamicidade e atuação em prol da região e do Estado. O sentimento de que outro bispo não poderia substituí-lo estava presente em suas páginas, sendo esse um dos argumentos utilizados. A atuação social do bispo na diocese é constantemente retomada, sendo apontada como um dos fundamentos para impedir

sua saída e como estímulo à mobilização popular. Observa-se ainda uma preocupação com o progresso da região, conectada ao cenário nacional, então marcado por um processo desenvolvimentista, o que reforça a importância atribuída ao bispo (Cantilina, 04/11/1959).

Em meio a esse contexto, Dinarte Mariz, governador do Rio Grande do Norte, concede uma entrevista à Rádio Press, do Rio de Janeiro, em que comenta a transferência do bispo. *O Mossoroense*, em 10 de novembro, reverbera a entrevista em suas páginas. Na entrevista, o governador lamenta a perda que o Estado sofrerá caso a partida do bispo seja confirmada, destacando que o epíscopo foi seu apoiador e esteve envolvido no enfrentamento dos problemas sociais da região. Tal declaração, feita pelo governador na capital do país, parecia legitimar e ampliar o movimento, projetando-o nacionalmente e aumentando os interlocutores (*O Mossoroense*, 10/11/1959). O memorial foi entregue ao núncio apostólico pelo jornalista Oswaldo Amorim, que viajou para o Rio de Janeiro em 12 de novembro de 1959 (*O Mossoroense*, 12/11/1959).

Paralelo a elaboração do memorial destinado à nunciatura apostólica, foi enviado um telegrama ao cardeal Dom Jaime de Barros Câmara. Essa iniciativa, inserida no mesmo contexto, pode ser interpretada como uma tentativa de reforçar e conferir maior legitimidade ao movimento representado pelo memorial. O contato estabelecido parecia estratégico, pois Dom Jaime havia sido o primeiro bispo de Mossoró, entre 1936 e 1941 e, depois de rápida passagem pelo arcebispado de Belém do Pará, 1941 a 1943, foi promovido para a Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, função que exercia em 1959. Além disso, integrava o alto clero nacional, sendo presidente da CNBB e tendo sido elevado ao cardinalato em 1946. A título de exemplo, em 1959 figurava como um dos três cardeais brasileiros, ao lado de Dom Carlos e Dom Augusto, de São Paulo e Salvador, respectivamente (Costa, 2014; Soares, 2014).

O telegrama encaminhado foi transcrito no jornal e seu conteúdo continha um pedido de interferência de Dom Jaime, o “amigo protetor”, afinal era conhecedor dos problemas do Nordeste e da atuação de Dom Eliseu. O encaminhamento ao cardeal pode ser entendido pela relação afetiva que mantinha com a região Oeste do Rio Grande do Norte, pela relação amistosa que mantinha com Dom Eliseu que, a propósito, havia homenageado em 1956 quando da inauguração do Colégio Santa Luzia, de Mossoró. Além do mais, o cardeal atuava na capital do país, Rio de Janeiro, e dispunha de influências junto a nunciatura apostólica e setores da alta cúpula política do Governo JK.

O telegrama contou com assinatura de 24 personalidades públicas da região e do estado, tais como Antônio Rodrigues de Carvalho e Francisco Vicente Miranda Mota, prefeito e

presidente da Câmara Municipal de Mossoró, dos deputados estaduais Jerônimo Vingt Rosado (União Nacional), Vicente Mota Neto (Aliança Democrática) e, pela UDN, Carlos Borges de Medeiros. Os sindicatos, por seus presidentes, apoiaram a causa, destacando-se o sindicato dos trabalhadores ferroviários, dos trabalhadores da indústria do Rio Grande do Norte, da construção civil e dos empregados de estabelecimentos bancários (Vieria, 05/11/1959). Enfim, parte do staff político e econômico do estado pareceria envolvido com a causa.

O envolvimento desses segmentos da sociedade potiguar, signatários do telegrama enviado à Dom Jaime, pode ser compreendida pela atuação de Dom Eliseu na dinamização econômica do Rio Grande do Norte, seja através da valorização dos vales do Assú e do Apodi, da eletrificação e outros empreendimentos ligados à sua ação social, tais como a construção de maternidades e casas populares. Reforçando essa percepção, o presidente da associação rural, Fernandes Ribeiro, também endossaria o telegrama, já que as iniciativas ruralistas promovidas pelo bispo iam ao encontro da demanda e atuação da associação (Vieria, 05/11/1959).

A fim de integrar e reforçar o conteúdo do primeiro telegrama, decidiu-se pelo envio de outros dois, organizados e assinados por representantes do Centro Estudantil e da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância, reiterando a urgência de seu envolvimento na situação. Os telegramas assinados por diferentes setores da sociedade foram enviados ao Dom Jaime em 6 de novembro de 1959, tendo ele respondido no dia 19 do mesmo mês. A resposta do cardeal à sociedade potiguar é abordada pela jornalista Cantilina, que, em sua coluna social, informa que a resposta foi enviada ao prefeito de Mossoró, Antônio Rodrigues de Carvalho, reforçando que a transferência de Dom Eliseu para a Diocese de Campo Mourão não poderia ser suspensa (O Mossoroense, 06/11/1959, 08/11/1959; Cantilina, 17/11/1959).

Como parte das estratégias iniciais de mobilização, evidencia-se outra forma de complementar e legitimar o memorial, configurando, no nosso entendimento no terceiro movimento articulado pela sociedade potiguar. Trata-se da participação ativa do jornalista assuense Oswaldo Amorim que, em seis artigos publicados no *O Mossoroense*, sob o título “Em torno de um lema – *Salus Gregis*”, defendeu a permanência de Dom Eliseu. O jornalista, uma figura pública e integrante de uma elite política e cultural, pode ser associado ao papel do intelectual orgânico (Sirinelli, 2003; Maciel; Mezzomo, 2021), afinal, por sua lavra, produz e faz circular interpretações sobre o contexto mossoroense e o episcopado, influenciando a forma como esses acontecimentos se tornaram públicos e ganharam visibilidade em outros jornais do estado, inclusive no Rio de Janeiro (Jornal do Brasil, 14 nov. 1956; Diário de Natal, 7 dez. 1959).

O jornalista escrevia sobre Dom Eliseu desde 1956, tendo publicado 106 materiais ao longo de seu episcopado em Mossoró. Oswaldo Amorim observa e documenta de forma abrangente as diferentes ações realizadas, acompanhando os trâmites, os avanços, os acordos e os empreendimentos promovidos e articulados pelo bispo. A análise desses materiais revela uma aproximação entre os dois personagens, sendo que a maior dos textos dedica-se a elogiar o líder eclesiástico por sua atuação social e, quando necessário, defendê-lo diante de críticas de outros jornais e de setores da sociedade. São produções que retratam o bispo como um “herói”, cuja presença é descrita como decisiva para o desenvolvimento da região (Amorim, 05/01/1957, 17/03/1957).

O posicionamento de Oswaldo Amorim se intensifica com a notícia da transferência do bispo, quando o jornalista ressalta seu papel de “intelectual orgânico”, argumentando que a decisão da Igreja foi pouco assertiva e a permanência era fundamental para a diocese. A circulação desse material n’*O Mossoroense* pode ser entendida tanto como um chamamento ao envolvimento da população quanto uma estratégia para articular forças políticas no estado e fazer chegar à demanda à nunciatura apostólica, afinal ela é quem poderia demover a decisão oficial da Igreja. Vale destacar que a divulgação dos artigos ocorreu concomitante a produção do memorial e do telegrama, cujos destinatários eram Dom Armando Lombardi e Dom Jaime Câmara, núncio e cardeal do Brasil, respectivamente. Os textos apresentam uma retrospectiva da atuação de Dom Eliseu nos campos da administração eclesiástica, educação, ruralismo, saúde, infraestrutura e planejamento (Amorim, 08/11/1959).

A figura de Dom Eliseu é ressaltada tanto por sua atuação social quanto por sua missão evangelizadora, que, no entendimento do jornalista, revitalizou a fé dos diocesanos, que antes, sentiam-se esquecidos pela Igreja, mas que, com atuação do líder eclesiástico, passaram a se sentir acolhidos e atendidos. A transferência do bispo penalizaria a sociedade, e essa parte do Nordeste seria esquecida novamente, retornando à sua situação extrema de pobreza e afastamento da religião. No sexto artigo, afirma: “Pleiteamos a permanência de D. Eliseu Mendes no governo da Diocese de Mossoró, porque ele nos deu esperanças, fez que estivéssemos mais perto das coisas de Deus e passássemos a acreditar nos nossos semelhantes” (Amorim, 13/11/1959, p. 3). O bispo, ao que podemos inferir, mantinha expectativa que a movimentação em prol de sua permanência alcançasse algum êxito, tanto que, em novembro de 1959, declara: “Aguardaremos, em Mossoró, a solução que dará a nunciatura apostólica aos apelos que daqui lhe foram dirigidos, em favor de nossa permanência” (*O Mossoroense*, 30/11/1959, p. 6).

Os esforços de setores da sociedade pela permanência do bispo nessa primeira fase foram infaustos. Cercado de resultado negativo, o tom esperançoso da declaração do bispo pode ter aberto espaço para a mobilização de uma nova estratégia em defesa de sua permanência: a política. Deputados federais da bancada do Rio Grande do Norte se juntaram aos clamores expressos no memorial e nos telegramas enviados à nunciatura e ao cardeal Dom Jaime Câmara.

Os políticos sobem à tribuna em defesa da permanência de Dom Eliseu

A segunda fase do movimento em prol da permanência de Dom Eliseu é marcada pela mobilização política, reacendendo as esperanças da sociedade com o engajamento dos deputados Tarcísio Maia, Djalma Maranhão e Xavier Fernandes, além do governador do Estado Dinarte Mariz. *O Mossoroense*, nessa fase, veicula, entre os dias 3 e 16 de dezembro de 1959, sete textos nos quais a intervenção da classe política é sublinhada, sendo tratada nas publicações do jornalista Jaime Hipólito Dantas.

O jornalista Jaime Hipólito volta a evidenciar a relevância das questões relacionadas a intervenção social do bispo na região. Faz um retrospecto das suas atividades à frente da diocese e de como sua figura foi determinante para o cenário potiguar, destacando sua articulação na esfera política, com ações diretas voltadas à captação de recursos para o desenvolvimento da região. O ceticismo de que novo bispo poderia ser indiferente às demandas sociais, econômicas e política era novamente retomado. O jornalista tece críticas à decisão da Igreja Católica, que, mesmo diante dos diversos apelos enviados e não atendidos, mantinha sua decisão por “capricho”, não observando a realidade potiguar (Dantas, 04/12/1959).

Em tentativa de reparar a transferência, o governador Dinarte Mariz, teria atuado novamente, tentando convencer o núncio apostólico sobre a necessidade de, por interesse público, manter Dom Eliseu no estado. Tanto a ação do governador, como os discursos dos deputados na tribuna da Câmara, pode ser entendida como uma estratégia para divulgar e ampliar para todo o Brasil o “equivoco” que envolvia a diocese e exercer pressão sobre a nunciatura. O Governador viajaria para o Rio de Janeiro para ter uma conferência com o núncio Dom Armando e os deputados se movimentariam na Câmara Federal, além de também tentarem dialogar com a nunciatura (*O Mossoroense*, 03/12/1959).

Tarciso Maia, em seu discurso, ressalta o desempenho do bispo na região, e reforça a insegurança de não saber se seu sucessor terá condições para dar continuidade no trabalho desenvolvido por Dom Eliseu. O deputado trata do contexto nordestino e a intervenção do líder eclesiástico, e diante disso, seria um erro deslocá-lo para outra região, além de causar

ressentimento na sociedade. Declara também, que essa atitude era parte de uma discriminação com o Nordeste, pois quando o bispo seria transferido para o Sul, uma das regiões mais desenvolvidas do Brasil (Maia, 1959; O Mossoroense, 03/12/1959).

A atuação do deputado Djalma Maranhão é rememorada por Oswaldo Amorim, que afirma ter escrito no dia seguinte à fala, diretamente da secretaria do parlamentar. Primeiramente, tece elogios ao deputado, considerado o “número um” da região Oeste, destacando que sua manifestação ocorreu sem qualquer bajulação ou encomenda, de forma natural, sintetizando o desejo de toda a população que pleiteia a permanência do bispo. O jornalista completa que “no momento em que escutamos uma voz, defendendo os nossos melhores e maiores interesses, lógico que somos os primeiros a divulgar a matéria, porque é preciso que faça justiça a quem trabalha pelo Oeste potiguar” (Amorim, 08/12/1959, p. 3).

Observamos, mais uma vez, o exercício do intelectual orgânico, preocupado com as questões sociais, atuando como mediador das informações e intérprete do que seria o interesse da sociedade. Oswaldo Amorim destaca, na fala de Djalma Maranhão, a ênfase do trabalho de Dom Eliseu no plano de valorização dos vales do Assú e Apodi, do qual era presidente, além do repisado argumento da insegurança que a mudança promoveria: novo bispo poderia ser insensível aos clamores sociais e não dar continuidade aos projetos em curso. O deputado, contudo, apresenta um elemento novo: a atuação do bispo era consoante a uma experiência de reforma agrária mansa e pacífica. O redator da notícia conclui, afirmando que Djalma Maranhão possibilitou que os apelos dos mossoroenses chegassem à nunciatura apostólica (O Mossoroense, 08/12/1959).

Em meio a esses acontecimentos, Dom Eliseu e João Batista Cascudo Rodrigues, representando Mossoró, foram escolhidas personalidades do estado, sendo agraciados com medalha de ouro no evento organizado pelo cronista Paulo Macedo, da *Tribuna do Norte* e da Rádio Nordeste, de Natal. A solenidade tinha como propósito homenagear figuras do Rio Grande do Norte que contribuíram de forma expressiva para o desenvolvimento sociocultural. O bispo já havia recebido homenagem semelhante em 1957, na festa *Souvenir Acadêmica*, promovida pela União Universitária Mossoroense, na categoria “Obra social”. A premiação de 1959 se alinha com o momento de tensão-reivindicação, demonstrando que o reconhecimento do trabalho do bispo ultrapassa os limites diocesanos, reforçando sua relevância no cenário potiguar (O Mossoroense, 15/12/1959, 29/12/1959).

Na cerimônia de entrega da premiação, realizada no Palácio Episcopal Santa Luzia, em Mossoró, esteve presente o vereador Joaquim Silveira Borges, que, em novembro, havia

recebido a medalha em nome de Dom Eliseu durante evento no Aeroclube de Natal, já que o homenageado não pôde comparecer. Estiveram presentes representantes de setores sociais, como da Associação Cultural e Desportiva Potiguar e do Instituto Cultural do Oeste Potiguar (ICOP). A Rádio Tapuio, Difusora e *O Mossoroense* cobriram o evento. No momento em que a permanência do bispo ganha reverberações no Rio de Janeiro, capital federal, a premiação se constitui como um subsídio para a mobilização, funcionando também como motivação e justificativa para a causa da permanência do bispo no Rio Grande do Norte.

Encerrando a série de manifestação na Câmara Federal, temos o pronunciamento do mossoroense Xavier Fernandes, ocorrida em 15 de dezembro. Sua intervenção é vista pelo editorial como um último recurso, diante dos insucessos do memorial à nunciatura apostólica e telegramas enviados a Dom Jaime Câmara. Como mossoroense, sua fala é recebida como a de alguém que compreende as demandas da sociedade, pois conhece o contexto do Oeste e o trabalho desenvolvido por Dom Eliseu. O deputado federal avalia que a transferência abrirá uma lacuna que dificilmente será ocupada, e nessas bases, se junta aos esforços anteriores, pedindo a permanência do líder eclesiásticos (*O Mossoroense*, 16/12/1959).

A mobilização dos políticos em prol da permanência de Dom Eliseu na Diocese de Mossoró foi infrutífera. Os argumentos não foram acatados pela nunciatura apostólica e a transferência do bispo para a diocese no Paraná foi concretizada. *O Mossoroense* não promoveu nova mobilização e, a partir de então, passou a tratar da despedida de Dom Eliseu, dedicando-se também a relatar as organizações realizadas para esse momento.

A decisão da Igreja é ratificada: Dom Eliseu será transferido

Com a transferência confirmada, *O Mossoroense*, que foi agente articulador de todos os eixos da mobilização pela permanência de Dom Eliseu, agora, em sua fase final, redireciona suas manifestações com o intuito preparar a saída do bispo. O antigo esforço que, em suas produções, criticava a decisão da Sé Apostólica, passa a se apresentar como defensor da tradição religiosa. Para essa fase, que abrange o período entre 16 de fevereiro a 4 de março de 1960, foram publicados 24 textos jornalísticos tratando da saída do bispo.

Vale ressaltar que, após a matéria que tratou da manifestação do deputado Xavier Fernandes, em 16 de dezembro de 1959, o jornal voltou a se manifestar sobre a transferência de Dom Eliseu no mês de fevereiro de 1960, quando as publicações passaram a tratar da sua despedida. O cônego Raimundo Gurgel marcou presença com a publicação de quatro artigos intitulados “D. Eliseu, primeiro bispo de Campo Mourão”, nos quais abordou temas políticos,

aspectos da administração eclesiástica e elementos da tradição da Igreja. Exaltou o legado do bispo, enfatizou o juramento da obediência que estão submetidos, numa tentativa de normalizar a transferência de Dom Eliseu. O sacerdote escreve que as transferências são naturais e “que para o bem do conjunto, um bem particular deve ser sacrificado, foi o que nos aconteceu com a transferência de D. Jaime para Belém e o que está acontecendo hoje com a de D. Eliseu para Campo Mourão” (Gurgel, 16/02/1960, p. 5).

Esse movimento de normalizar e conformar a população diante da decisão da Sé Apostólica, é apresentado como inevitável diante da ampla mobilização realizada por diferentes segmentos da sociedade potiguar. O sacerdote apresenta inúmeras transferências de bispos em todo o Brasil, ressaltando que o caso de Mossoró é mais um entre outros tantos. Nessa situação, sublinha constantemente que a posição da Igreja Católica é tomada livre de interferências externas e para o que seria o bem do povo de Deus. Argumenta que as ações da Igreja são refletidas conforme a realidade de cada contexto e, no caso de Dom Eliseu, sua transferência havia sido acordada desde 1958, após um longo processo de reflexão. À luz dessa situação, o cônego procura deslegitimar alguns reclamos que circulavam dizendo que a transferência de Dom Eliseu para uma diocese recém-criada representaria um retrocesso (Gurgel, 16/02/1960, 17/02/1960, 19/02/1960).

A Diocese de Campo Mourão, para onde Dom Eliseu seria transferido, foi criada em 1959, abrangendo 40 municípios e uma população de aproximadamente 500 mil habitantes. O município, situado na região Centro-Oeste do Paraná, distante quinhentos quilômetros da capital Curitiba, estava distante dos grandes centros e não possuía a mesma estrutura eclesiástica da diocese nordestina. Diante dessa realidade, a sociedade potiguar passou a considerar a transferência como algo negativo e não como uma promoção para o líder eclesiástico. Porém, o presbítero Raimundo, contesta tal visão ao afirmar: “Ora, meus possíveis leitores, na Igreja não há diocese mais digna nem menos digna, diocese de humilhação. Aos olhos de Deus e do Papa, seu representante na terra, tudo é rebanho de Deus” (Gurgel, 19/02/1960, p. 3). Tal arrazoado parece fazer sentido somente aos crentes, que podem acolher como dons o desprendimento, doação e entrega pessoal a alegada obra de Deus.

A produção do cônego Raimundo se apresenta como uma forma de apaziguar os ânimos populares, rebater certos sentidos comuns e esclarecer os trâmites que seriam adotados pelo clero, como o período de sede vacante *nihil innovetur*. O processo de transferência, socialmente entendida como traumática, inibiu as comemorações pelo sexto aniversário da posse de Dom Eliseu em Mossoró, que seria realizada no mês de fevereiro (Gurgel, 19/02/1960, 17/02/1960 e

24/02/1960).

Comemoração que iria se compensada, pois a sociedade mossoroense e o clero organizavam uma grande festa de despedida, com uma manifestação pública nos jardins do Palácio Episcopal Santa Luzia, visando prestar homenagens e contando com a presença da população da diocese, com a vinda de caravanas de Assú, Areia Branca e Caraúbas a convite do monsenhor Luiz Mota, vigário-geral. A notícia apresenta a nota oficial do vigário-geral, que solicita aos vigários e capelães que reforcem o convite à população para participar da manifestação que estava sendo organizada. Além da comunidade, compareceria à manifestação autoridades da região e o governador do Estado, Dinarte Mariz (O Mossoroense, 25/03/1960). A presença do governador se daria, também, pela inauguração da rede elétrica que atenderia Mossoró, oriunda da usina de Paulo Afonso, resultado do trabalho de várias lideranças, entre as quais de Dom Eliseu.

As homenagens previstas foram canceladas devido às enchentes provocadas por uma grande tragédia: o rompimento da barragem do açude de Orós, no Ceará, causado pelas chuvas torrenciais que caíram em grande parte do Nordeste. O açude armazenava as águas do rio Jaguaribe que, no dia 26 de março de 1960, devido aos altos índices pluviométricos, promoveu o rompimento parcial da barragem. O rio, seguindo seu fluxo quase natural, arrastou localidades e diversas cidades, deixando mais de 100 mil pessoas desabrigadas de suas residências (Silva, 2018; O Mossoroense, 27/03/1960).

As maiores perdas foram materiais, já que o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) havia divulgado e evacuado as populações dos principais núcleos populacionais. Diante da catastrófica situação que acometia o Ceará e Rio Grande do Norte, as manifestações de despedida foram canceladas, a fim de que os diocesanos pudessem prestar assistência às vítimas da enchente. As pessoas também foram acolhidas em Mossoró, devido à organização e mobilização do prefeito, vindos de Jaguaruana, Limoeiro do Norte e Aracati. Dom Eliseu, por meio da diocese, também estava envolvido, e faria a doação de alimentos para complementar a dieta dos desabrigados (O Mossoroense, 27/03/1960). Com a manifestação pública de despedida foi cancelada, Dom Eliseu recebeu manifestação de alguns segmentos da sociedade, como profissionais liberais, afinal o bispo continuaria sendo “a árvore cuja sombra estivemos abrigados por tantos e tantos anos” (O Gueiros, 31/03/1960, p. 3).

Nos últimos dias da permanência como bispo da Diocese de Mossoró, Dom Eliseu ele fez uma visita à sede d’*O Mossoroense*, tendo agradecido recebido apoio da imprensa durante seu episcopado, ressaltando a atuação do jornal no interior do Rio Grande do Norte. Destacamos

o seguinte trecho:

O digno prelado trouxe-nos suas despedidas, ao mesmo tempo porém que veio de viva voz, expressar o seu agradecimento à atuação que, durante toda sua direção espiritual em Mossoró, manteve este órgão, jamais deixando de cooperar em todos os misteres a que se empenhara a curul diocesana (O Mossoroense, 31/03/1960, p. 6).

O jornal manteve proximidade com o líder eclesiástico e, durante seu episcopado, publicou 640 textos jornalísticos que destacavam suas ações na região, evidenciando seu papel no desenvolvimento do Oeste e suas intervenções no meio político, com ampla cobertura de suas atividades. A última divulgação de *O Mossoroense* nesse período, foi a divulgação, na íntegra, de uma carta dirigida a toda a diocese, na qual o bispo agradece aos diocesanos pelos seis anos em que esteve presente, ao clero, aos religiosos e religiosas, aos companheiros de trabalho da ação social, aos integrantes do plano de valorização do Assú e Apodi, das Missões Rurais e aos diferentes setores da sociedade. Termina demonstrando gratidão aos amigos e ao jornal, que em suas palavras colaborou durante seu episcopado (O Mossoroense, 03/04/1960 e 03/04/1960).

Dom Eliseu é empossado na Diocese de Campo Mourão em 23 de abril de 1960, mas não deixa de figurar nas páginas do jornal. Na edição de 11 de agosto do mesmo ano, uma reportagem relata uma doação feita pelo bispo ao Hospital de Caridade de Mossoró, destinada à conclusão da cobertura de um novo pavilhão e à instalação de mosaicos no piso, em montante superior a meio milhão de cruzeiros, como cumprimento de uma promessa anterior (O Mossoroense, 11/08/1960). *O Mossoroense* recorda sua passagem pela Diocese de Mossoró, tecendo elogios ao prelado por não se esquecer das pessoas que tanto o admiram. Assim, encerra-se a última fase, que teve como principal foco as publicações do cônego Raimundo Gurgel, o planejamento das manifestações de despedida impedidas pela catástrofe das chuvas e o adeus do líder eclesiástico.

Fontes

AMORIM, Oswaldo. Apelo de Djalma Maranhão. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1453, p. 3, 8 dez. 1959.

AMORIM, Oswaldo. Em torno de um lema - Salus Gregis - (I). **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1429, p. 3-4, 8 nov. 1959.

AMORIM, Oswaldo. Em torno de um lema - Salus Gregis - (II). **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1430, p. 3, 9 nov. 1959.

AMORIM, Oswaldo. Em torno de um lema - Salus Gregis - (III). **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13,

n. 1431, p. 3-4, 10 nov. 1959.

AMORIM, Oswaldo. Em torno de um lema - Salus Gregis - (IV). **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1432, p. 3, 11 nov. 1959.

AMORIM, Oswaldo. Em torno de um lema - Salus Gregis - (V). **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1433, p. 3, 12 nov. 1959.

AMORIM, Oswaldo. Em torno de um lema - Salus Gregis - (VI). **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1434, p. 3, 13 nov. 1959.

AMORIM, Oswaldo. Conclusões da semana ruralista. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 817, p. 4, 7 jul. 1957.

CANTILINA. Coisas da Cidade. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1426, p. 4, 4 nov. 1959.

CANTILINA. Coisas da cidade. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1431, p. 4, 10 nov. 1959.

CANTILINA. Coisas da cidade. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1439, p. 4, 19 nov. 1959.

DANTAS, Jaime Hipólito. Ponto pacífico: Dom Eliseu. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1451, p. 3-4, 4 dez. 1959.

Diário de Natal. D. Eliseu desenvolveu admirável pelo Rio Grande do Norte. 7 dez. 1959

GUEIROS, Samuel. Adeus a Dom Eliseu. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1518, p. 3, 31 mar. 1960.

GURGEL, Raimundo. D. Eliseu, primeiro bispo de Campo Mourão (I). **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1492, p. 5, 16 fev. 1960.

GURGEL, Raimundo. D. Eliseu, primeiro bispo de Campo Mourão (II). **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1493, p. 4, 17 fev. 1960.

GURGEL, Raimundo. D. Eliseu, primeiro bispo de Campo Mourão (III). **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1495, p. 3, 19 fev. 1960.

GURGEL, Raimundo. D. Eliseu, primeiro bispo de Campo Mourão (IV). **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1497, p. 3, 24 fev. 1960.

Jornal do Brasil. Querem Dom Eliseu em Mossoró, 14 nov. 1956.

MENDES, Eliseu Simões. Despedida de Dom Eliseu Simões Mendes. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1520, p. 1, 3 abr. 1960.

O MOSSOROENSE. "O Estado perdeu um grande servidor" - diz o Governador Dinarte de Medeiros Mariz sobre Dom Eliseu Mendes. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1431, p. 5, 10 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Acontecimentos Sociais. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1429, p. 2, 8 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Acontecimentos Sociais. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1432, p. 2, 11 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Acontecimentos sociais. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1434, p. 2, 13 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Acontecimentos sociais. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1437, p. 2, 17 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Acontecimentos sociais. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1517, p. 2, 30 mar. 1960.

O MOSSOROENSE. Acontecimentos sociais. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1518, p. 2, 31 mar. 1960.

O MOSSOROENSE. Apelo à Santa Sé. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1429, p. 3, 8 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Canceladas as homenagens que seriam prestadas a Dom Eliseu Simões Mendes. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1515, p. 6, 27 mar. 1960.

O MOSSOROENSE. Chegam novas levadas as vítimas das enchentes. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1515, p. 6, 27 mar. 1960.

O MOSSOROENSE. D. Eliseu não esquece Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1604, p. 6, 11 ago. 1960.

O MOSSOROENSE. D. Eliseu visita “O Mossoroense”. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1518, p. 6, 31 mar. 1960.

O MOSSOROENSE. Discurso de Xavier Fernandes pela permanência de D. Eliseu. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1460, p. 6, 16 dez. 1959.

O MOSSOROENSE. Distinguido Dom Eliseu com medalha de ouro. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1459, p. 6, 15 dez. 1959.

O MOSSOROENSE. Dom Eliseu recomenda preces fervorosas aos seus diocesanos. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1515, p. 6, 27 mar. 1960.

O MOSSOROENSE. Dom José Terceiro seria o quarto bispo de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1437, p. 6, 17 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Focalizada na Câmara dos Deputados a transferência de Dom Eliseu Mendes. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1450, p. 6, 3 dez. 1959.

O MOSSOROENSE. Mais tempo para Dom Eliseu. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1431, p. 3, 10 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Manifestação de despedidas receberá D. Eliseu, domingo, de seus diocesanos. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1514, p. 6, 25 mar. 1960.

O MOSSOROENSE. Memoriais serão entregues ao Núncio Apostólico. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1431, p. 6, 11 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Mossoró perderá seu grande bispo. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1425, p. 4, 3 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Mossoró perderá seu grande bispo. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1427, p. 4, 5 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Movimenta-se o povo mossoroense pela permanência de D. Eliseu Simões Mendes. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1428, p. 6, 6 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Movimento popular pela permanência de D. Eliseu na Diocese de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1429, p. 4, 8 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Oswaldo Amorim é portador de mensagens ao Núncio. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1433, p. 6, 12 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Personalidade do Ano D. Eliseu Simões Mendes. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1458, p. 6, 14 dez. 1959.

O MOSSOROENSE. Recrudescer, na Câmara, a campanha pela permanência de Dom Eliseu. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1451, p. 6, 4 dez. 1959.

O MOSSOROENSE. Regressou a Mossoró Dom Eliseu aguardará ordem de transferência. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1447, p. 6, 30 nov. 1959.

O MOSSOROENSE. Reunião-jantar do Lions Clube, hoje. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1503, p. 6, 10 mar. 1960.

VIERA, Xavier. Folhas soltas. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1427, p. 4, 5 nov. 1959.

VIERA, Xavier. Folhas soltas. **O Mossoroense**, Mossoró, ano 13, n. 1428, p. 3, 6 nov. 1959.

Referências

- BARROS, José de Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis: Vozes, 2023.
- Código de Direito Canônico**. São Paulo: Loyola, 1983.
- COSTA, Iraneidson Santos. Os bispos nordestinos e a Criação da CNBB. **Interações: cultura e comunidade**. v. 9, n. 15, p. 109-143, jan./jun. 2014.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves; PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970). In: FERREIRA, Jorge.; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 93-132.
- FERREIRA, Nilce Vieira Campos.; VISQUETTI, Carminha Aparecida; PINHEIRO, Larissa Madalena da Silva. Missões rurais nos estados brasileiros (Campanha Nacional de Educação Rural – CNER 1952-1960). **Revista Faculdade de Educação**, v. 36, n. 2, p. 179-202, jul./dez. 2021.
- FILHO, Aurélio Pontes. **Dom José e o “Correio da Semana”**: a “Bôa Imprensa” em Sobral (1918-1925). 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2016.
- JESUS, Sandy Regina Cadete Barbosa de. A territorialidade da igreja católica apostólica romana no nordeste brasileiro – 2000. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 21, 2007.
- LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas, historiografia e escrita da História. In: LINDOLFO, Reinaldo (Org.). **Um país impresso: entre representações sociais e culturas políticas**. Ponta Grossa: Todopalavra, 2016. p. 25-48.
- MACIEL, Fred; MEZZOMO, Frank Antonio. Entre um passado pioneiro e um destino de progresso: construção de um projeto político-intelectual no interior do Paraná. **Escritas do Tempo**, v. 3, p. 211-238, 2021.
- MAIA, Tarcísio. Discurso em defesa da permanência de Dom Eliseu. *Diário do Congresso Nacional: Câmara dos Deputados*, Brasília, n. 191, p. 9142, 1959.
- MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil**. 1916-1985. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MENDES, Luís Carlos Simões; CAVALCANTI, Maria do Socorro. **Resgate de uma época: Dom Eliseu Simões Mendes**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2005.
- MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 155-194.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A ditadura nas representações verbais e visuais na grande imprensa: 1664-1969. **Topoi**, v. 14, n. 26, p. 62-85, jan./jul. 2013.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2015.
- SILVA, Wellington Teodoro da. Catolicismo militante na primeira metade do século XX brasileiro. **História Revista**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 541-563, jul./dez. 2008.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMÓND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2003, p. 231-269.
- SOARES, Edvaldo. Ação Católica. In: SOARES, Edvaldo. **Pensamento católico brasileiro: influência e tendências**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 97-132.
- SOUZA, Ramon Felipe. As semanas ruralistas do Brasil. **Outros Tempos**, v. 17, n. 30, p. 244-267,

2020.